

O VERDE É A MORTE, A ARTE UMA FORMA DE NÃO MORRER DE VERDADE
GREEN IS DEATH AND ART A WAY TO NOT TRULY DIE

DOIS CORPOS DE PELE, NUS, UMA PIANISTA, UMA ATRIZ. A MÚSICA, MICRO-SONO-
Two naked bodies made of skin, a pianist and an actress. The music is made of micro-sounds
RIDADES CONSTRUÍDAS COMO UMA TAPEÇARIA. CORPOS INVERTIDOS QUE GANHAM
constructed as a tapestry. Inverted bodies attain verticality and new poetry. Skin is a requiem, a
VERTICALIDADE, NOVA POESIA. PELE É UM REQUIEM, UM LOCAL ONDE PODEMOS VOL-
place where we can feel again what is long forgotten and what we insist on forfeiting, in an extre-
TAR A SENTIR DE UMA FORMA RADICAL, O QUE HÁ MUITO FICA ESQUECIDO, O QUE IN-
me fashion. It is a question, a place of abstraction, an appeal to breaking codes through the senses
SISTIMOS EM PERDER. UM QUESTIONAMENTO. UM LUGAR DE ABSTRAÇÃO. UM APELO
and reception aesthetics. Skin is: water as an emotional component; rebirth of bodies in another
À DESCODIFICAÇÃO ATRAVÉS DOS SENTIDOS. UMA ESTÉTICA DA RECEÇÃO. PELE É A
place; light serving as a place of contemplation and music as a disturbing element defining the
ÁGUA COMO ELEMENTO EMOCIONAL, OS CORPOS QUE RENASCEM NOUTRO LUGAR, A
elements on stage; and the interpreters and their different interpretations. Skin is a single score.
LUZ COMO LUGAR DA CONTEMPLAÇÃO, A MÚSICA COMO ELEMENTO PERTURBADOR E
DEFINIDOR DOS ELEMENTOS EM PALCO E OS INTÉRPRETES E SUAS DIFERENTES LEI-
TURAS. PELE É UMA PARTITURA ÚNICA.

SEXTA 07 / 22H00

P

CCVF

E

PEQUENO AUDITÓRIO

L

ÚTERO ASSOCIAÇÃO

E

CULTURAL

É NO VERDE, enquanto morte, que se dá a possibilidade do ser. Do ser sem amar-
ras. Do ser que é livre e sente. Da dor e do excesso. Eu “morro no musgo por entre as
pedras, para ser verde”. Para ser eu. Pele é uma procura de vida, de outras vidas, em
tantas células quantas as memórias. Células que transportam experiências e que co-
municam entre si. Verde como morte, mas também como sabedoria, como natureza hu-
mana. Verde, como a “colina de Sião”, mas também como possibilidade do outro. Nesta
matéria que transporta “memórias de mim”, há o perecer, porque eu quero. “Falta-me
o ar”. Será a vida uma forma de morte?

Pele são todas as emoções, que transporta. É aquilo que somos. Um confronto “(...) entre um corpo primário, instintivo e uma paisagem construída”. Pele é Sade, Genet, Pa-
solini, Jelinek e Rocha. *Pele* é disruptiva. E assim sendo, deverá ser a rejeição da dimen-
são ilusória, e onírica, que nos impede de “(...) gritar aos deuses a vida ou a impossibili-
dade dela”. O instinto como desvelamento da essência do mundo, no que se inscreve em
nós de fenomenológico. Um lugar de utopia, um lugar de tempo, um lugar de tensões.

Quem sou eu e o que faço aqui? O verde é a morte, a arte uma forma de não
morrer de verdade.*

GREEN, representing death, is where the being emerges. An unbound being that feels and is free from pain and excess. I “die in the moss among the stones, in order to be green” and to be me. *Skin* is a search for life and other lives, in the same number of cells and memories. The cells that carry experiences and that communicate among themselves. Green is death, wisdom and human nature. Green, as the “Mount Zion”, but also as a possibility to be another. In this matter that carries “memories of me”, there is death because I choose to. “I gasp for air”. Is life a form of death?

Skin are all the emotions it carries. It is what we are. A confrontation “(...) between an instinctive primary body and a constructed landscape”. *Skin* is Sade, Genet, Pasolini, Jelinek and Rocha. *Skin* is disruptive, and thus being, rejects the illusory and dreamlike dimension, stopping us from “(...) screaming life to the gods or its impossibility”. Instinct as the perception of the world’s essence, in the phenomenology engraved in us. A place of utopia, time and tensions. Who am I and what am I doing here? Green is death and art a way to not truly die.

Direção Miguel Moreira /
Interpretação e cocriação Catarina
Félix, Regina Fiz e Sandra
Rosado / Pianista Joana Gama
/ Música Pedro Carneiro / Luz
João Garcia Miguel / Texto Maite
Dono El Gaviero Ediciones /
Coaching Alain Platel e Romeu
Runa / Coprodução Útero, Centro
Cultural Vila Flor, São Luiz
Teatro Municipal e Cine-Teatro
Avenida (Castelo Branco) / Com
o apoio Les Ballets C de La B e
LeCentquatre (Paris) / O Útero
é uma estrutura financiada pelo
Governo de Portugal – Secretário
de Estado da Cultura / DGArtes /
Teatros Associados Cine-Teatro

de Estarreja, Centro Cultural
de Ilhavo e Teatro Cine em
Torres Vedras / Residências
artísticas Centro Cultural
Gafanha da Nazaré, Fábrica Asa.
LeCentquatre, S3 Les ballets C de
La B / Agradecimentos: Maria José,
José Patacão, Carlos Ribeiro,
Andreia Abreu, Lieven Thyirion,
Ana Francisca de Azevedo /
Agradecimento especial Grupo
de pesquisa sobre uma ideia de
paisagem – “Paisagem-Húmus”
/ Duração 70 min. s/ intervalo /
Maiores de 16

*Texto de Pindo Pinto